

O SABER PSIQUIÁTRICO COMO DISPOSITIVO NORMALIZADOR NA CONSTRUÇÃO DO FEMININO: REFLEXÕES ATRAVÉS DA ANÁLISE AUDIOVISUAL

THE PSYCHIATRIC POWER AS A NORMALIZING DEVICE IN THE CONSTRUCTION OF THE FEMININE: REFLECTIONS THROUGH AUDIOVISUAL ANALYSIS

Natália Duarte Tinti¹, Eneida Santiago²

¹Graduanda em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Contato: nataliatinti@outlook.com

²Doutora em Saúde Coletiva (Unesp-Assis).
Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Contato: esantiago@uel.br

Resumo

A noção de sexualidade é operada através dos discursos tidos como verdadeiros, que incidem nas condutas dos diferentes corpos. Um desses discursos é o psiquiátrico, o qual emprega uma cisão do que é considerado normal ou anormal com base nas condutas realizadas por cada sujeito, embasado na concepção moral, para além da biológica. O presente trabalho objetivou analisar como essa cisão refletiu na construção subjetiva do feminino através da análise de alguns seriados televisivos: *Modern Love* – 2019 e *Gambito da Rainha* - 2020. A análise foi embasada nas perspectivas analíticas foucaultianas, como: biopoder, normalização e saber psiquiátrico. Utilizou-se, portanto, da metodologia qualitativa com a estratégia da etnografia de tela. A partir disso, pode-se apontar que as questões das personagens no mundo fictício analisadas, representam dificuldades iguais/semelhantes às de tantas outras mulheres do mundo real e reverberam a ação do dispositivo do poder psiquiátrico.

Palavras-chave: feminino; saber psiquiátrico; Foucault; séries televisivas.

Abstract

The notion of sexuality is operated through discourses considered to be true, which have an impact on the behaviour of different bodies. One of these discourses is the psychiatric one, which uses a division of what is considered normal or abnormal based on the behaviour of each subject, based on a moral conception, as well as a biological one. The aim of this study was to analyse how this split has reflected on the subjective construction of the feminine through an explanation of some television series: *Modern Love* – 2019 and *Queen's Gambit* - 2020. Based on Foucauldian analytical perspectives, such as biopower, normalisation and psychiatric knowledge, qualitative methodology was used with the strategy of screen ethnography. From this, it can be pointed out that the issues of the characters in the fictional world analysed represent the same/similar difficulties as so many other women in the real world and reverberate the action of the psychiatric power device.

Keywords: female; psychiatric power; Foucault; television series.

Editor-associado: Ana Carolina Cordeiro
Alves

Recebido em: 14/12/2024

Aceito em: 21/06/2026

Publicado em: 21/08/2026

Citar: Tinti, N. D., & Santiago, E. O saber psiquiátrico como dispositivo normalizador na construção do feminino: reflexões através da análise audiovisual. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 14(1), 191-207.

Introdução

A feminilidade é perpassada por diversos caminhos onde operam mecanismos de poder que diferenciam as condutas normais e anormais. O saber psiquiátrico, de alguma forma, estabelece-se distinguindo quais comportamentos são socialmente aceitos dentro da premissa da moralidade (Foucault, 1973/1974/2006). Esses caminhos são previamente trilhados no corpo social de modo a se configurarem como uma das trajetórias, e por vezes a única possível, para as pessoas (campo individual) que os seguem, ou seja, tais caminhos são carregados de preceitos morais que podem induzir e sistematizar as condutas e relações.

O socialmente esperado ao feminino, ser boa esposa, mãe e cuidar dos afazeres domésticos, vai determinar se uma mulher está ou não dentro da norma (Badinter, 1980). O saber psiquiátrico pode muito ter contribuído para essa regulação, principalmente no que diz respeito às suas condutas (Foucault, 1973/1974/2006). Nesse sentido, o presente escrito busca, através da análise fílmica de séries *on demand* – obras que são disponibilizadas conforme a demanda do telespectador através de plataformas de acesso pago nomeadas de serviços de *Streaming* -- que retratam mulheres, apontar a atuação do dispositivo do saber psiquiátrico nas condutas das personagens retratadas. Ressalta-se que a produção audiovisual retrata aspectos da realidade e constrói visões que induzem a reflexão do telespectador de aspectos sociais ou até mesmo sua percepção, e permite a exemplificação do que nesse âmbito se vivencia, de modo que a análise proposta irá expor como o dispositivo do saber psiquiátrico, de certa forma, contribuiu e se faz presente nas condutas diárias dessas personagens e de tantas outras mulheres da vida real que possam se identificar nesse contexto.

Em nossas discussões, em um primeiro momento expôs-se o que abrange o dispositivo do saber psiquiátrico e a sua possível relação na construção do feminino. No segundo momento explica-se melhor a forma com que essa investigação foi realizada. Já no terceiro e quarto momento, apresenta-se uma análise mais aprofundada da vida dessas personagens de maneira a colocar o leitor a pensar nos caminhos que o saber psiquiátrico vai construindo ao feminino a partir da análise das obras *on demand*.

Para melhor compreensão dessas noções, destaca-se a concepção de poder conforme discutida por Foucault (1996). Para o autor, o poder se manifesta nas microrelações cotidianas — como, mas não exclusivamente, nas diversas trocas sociais (escolas, hospitais), no corpo dos indivíduos e nas relações íntimas (famílias, sexualidades). O poder não é algo que se possui ou deixa de possuir, mas algo que se exerce não por meio da proibição, e sim da vigilância, atuando através do disciplinamento e da docilização dos indivíduos (poder disciplinar), bem como nos processos que envolvem o corpo social (biopoder). O exercício do poder, portanto, ocorre de forma capilar, sendo ao mesmo tempo constituído e constituinte de saberes assim como, subjetivando práticas do cotidiano.

Desta forma, o poder perpassa a todos que estão inseridos de alguma forma nessas relações (Silva & Moraes, 2017). “Não devemos [...] conceber o poder como uma dominação linear ou piramidal, de um sobre os demais, pois poder não é algo que se detém ou cede, mas que circula, flui, opera em cadeia” (Silva & Moraes, 2017, p. 276). O poder, portanto, se articula através de dispositivos, que operam discursos de verdades e regem normas no corpo social e biológico, ou seja, incidem no considerado normal e anormal. Portanto, o campo individual atravessado por relações de poder que se estabelecem como fluidas, e muitas vezes imperceptíveis.

Historicamente, diferentes exercícios do poder ocorreram, os quais foram se reconfigurando ao longo do tempo e conforme mudanças nas dinâmicas das classes dominantes e dominadas. Entre os séculos XVIII e XX, em desdobramento de algumas mudanças sociais que reconfiguraram os caminhos que o poder poderia percorrer, ao invés de punitivo, em especial fisicamente, agora seria vigilante. Para essa nova sociedade que rege o poder vigilante, Foucault (1997) nomeia de Sociedade Disciplinar. Para tal regimento, fora utilizado de manejos na arquitetura para tornar as estruturas físicas vigilantes dos sujeitos, sendo o panóptico representativo desta noção. O efeito do panoptismo na estrutura social se dá a partir de uma vigilância intermitente, em que o “[...] aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce” (Foucault, 1997, pp. 224-225). O dispositivo panóptico desindividualiza o poder, “[...] de modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas” (Foucault, 1997, p. 226). Assim, tal estrutura permite a vigilância dos corpos e a padronização de condutas. De modo que a vigilância dos sintomas e comportamentos, entendidos como desvios aos padrões, é sempre realizada (Foucault, 1997). A partir da sociedade disciplinar alguns outros dispositivos de poder vão, então, sendo utilizados para a manutenção da norma. A norma estabelece parâmetros de pacificação e docilidade em que ações invisíveis são operadas através de instituições que promovem o sequestro de potencialidades dos sujeitos para redirecioná-las a partir da imposição de condutas investidas em ordens morais, sociais, políticas e produtivas (Prado Filho & Trisotto, 2008).

A partir do desenho da norma, a diferenciação do normal e do anormal se torna possível. A norma forja a aplicação de regras a um corpo biológico e/ou social, sendo que a sociedade de normalização pode ser compreendida como “[...] uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (Foucault, 2005, p. 302). Desde o momento em que a norma se fez presente no corpo biológico, como artifício de poder, a noção de biopoder se faz presente, isto é, o exercício do poder sobre o anatômico, sobre o corpo biológico, a fim da manutenção deste para a segurança da vida (Foucault, 2005).

Dentre os mecanismos de controle do biológico estão, por exemplo, o discurso médico e jurídico (Foucault, 2001). Estes se constituem como instâncias de controle daqueles considerados “anormais” com o objetivo de governo de corpos em ações de normalização. O poder de normalização se constitui por “[...] mecanismos e efeitos de exclusão, de desqualificação, de exílio, de rejeição, de privação, de recusa, de desconhecimento” dos que tangem o padrão (Foucault, 2001, p. 54). A norma se estabelece, portanto, como “[...] um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado” (Foucault, 2001, p.62). Assim, sendo a norma um poder muito bem enraizado socialmente ela “traz consigo um princípio de qualificação e um princípio de correção.” (Foucault, 2001, p. 62). A partir dessas ideias de normalização e biopoder, compreende-se que a sexualidade também foi e é regida pelos discursos e recursos utilizados pelas instâncias supracitadas, assim,

[...] com relação ao sexo esse poder apresentaria sempre uma relação negativa de rejeição; reduziria o sexo a uma relação binária de certo e errado e o dominaria através do ato discursivo [...] esse poder agiria de maneira uniforme em todas as instâncias, do estado à família, utilizando a noção de lícito e ilícito do direito, seria uma lei que transforma o sujeito em sujeito (Cardoso, 2017, p. 17).

A noção de sexualidade atrelada à ideia de norma, se dá a partir de um discurso que é dito como verdadeiro de como há diferentes classificações e condutas sobre os diferentes corpos, tornando o sexo “[...] o alvo central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida” (Foucault, 2005, p. 137), isso é exposto a partir de cada período histórico, estando sempre interligado ao desejo da classe dominadora de época (Foucault, 2015).

Sendo o período histórico implicado na construção da sexualidade, vê-se que essa possui origens arcaicas que refletem na contemporaneidade. Exemplo disso é o da concepção feminina como ser secundário em relação à figura masculina que foi o modelo do sexo único, presente até o período da renascença, o qual compreendia o corpo feminino como aquele que seria faltante do falo masculino, ou seja, aquele que anatomicamente via a genitália feminina como sendo a internalização da genitália masculina (Spink, 2013). A partir do exemplo exposto ressalta-se uma construção do feminino extremamente marcante que se estabelece através do olhar médico o qual muito colaborou para a construção da diferenciação dos corpos, sendo que o corpo feminino, por exemplo, foi visto “sob o efeito de uma patologia”, este

[...] foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, por meio de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a ‘mulher nervosa’, constitui a forma mais visível dessa histerização (Foucault, 2015, p.113).

O saber médico foi construindo ao longo do tempo, através da sapiência sobre a anatomia do corpo físico, o qual foi utilizado como aparato de manutenção da norma e construção da diferenciação binária entre o masculino e o feminino, como vê-se a criação de uma teoria denominada

“medicina ovariana” no século XIX, a qual tenta explicar por meios biológicos a posição feminina em cuidados somente com a prole, tanto que se as mulheres quisessem estudar por exemplo, a prole poderia ter menos “energia” para se desenvolver (Spink, 2013) assim, “[...] o modelo do dimorfismo sexual se afirma porque na nova *episteme* é essencial que a diferença de gênero, e consequentemente divisão social entre homens e mulheres, seja legitimada pela biologia” (Spink, 2013, p. 199), entende-se assim, que a visão binária foi se constituindo no seio social ocidental e se fazendo presente no campo individual (Caponi, 2009).

Além disso, o saber médico se constituiu e foi constituinte de um corpo científico a partir da determinação de alguns objetos de estudo. No século XIX, o campo psiquiátrico surge e se faz presente novamente como um dispositivo do controle dos normais e anormais, da visão binária dos que são ou não são loucos, contudo, esse campo médico tem a ausência do corpo material e a presença da moral subjetiva dos sujeitos (Caponi, 2009). Assim, seria necessário “[...] poder tornar explícito aquilo que se esconde, aquilo que se oculta não no interior do corpo, nos tecidos ou órgãos, mas no interior das condutas, dos hábitos, das ações, dos antecedentes familiares, da história de vida” (Caponi, 2009, p. 99). Um dos métodos utilizados para a distinção binária do ser ou não ser louco, foi a utilização do mecanismo do interrogatório. Tal estratégia era utilizada para questionar os sujeitos sobre suas histórias de vida e sobre seus antecedentes familiares.

No caso da psiquiatria, a operação de procurar os antecedentes individuais se refere a outra questão. Enquanto os médicos se preocupam por determinar se existiam certos hábitos ou costumes que poderiam ser contribuídos ao desencadeamento da doença [...], o psiquiatra pretende descobrir nas condutas passadas dados que falem de comportamentos ou reações anormais (Caponi, 2009, p. 99).

Assim, “[...] a anomalia é a condição de possibilidade individual da loucura” (Foucault, 1973/1974/2006, p.369). Mas cabe aqui o questionamento, como o saber psiquiátrico implicou/implica na formação de dispositivos normalizadores do feminino? Para responder a esse questionamento, primeiramente, analisa-se a psiquiatria como dispositivo vigilante das condutas e da moral, a qual implicou em um modelo que reafirma os lugares que a religião e a ciência colocaram as mulheres durante o tempo, em um lugar de fragilidade, docilidade, maternidade e heteronormatividade. Portanto, mulheres que saíssem dessas normativas, eram/ são ditas como doentes subjetivas, ou seja, “[...] parâmetros diferentes orientam a construção da ‘loucura’ – e, portanto, da ‘normalidade’ – para cada um dos sexos, remetidos a um desenho idealizado dos papéis sexuais e dos diferentes atributos de gênero” (Cunha, 1989, p. 126). O “homem normal” exercia o papel de provedor da família, sendo o que sustentava a mulher e filhos através de seu esforço laboral. Já à “mulher normal” cabia as tarefas domésticas, de reprodução e de conservação da família e do lar. As justificativas do modelo psiquiátrico para manutenção dessa posição feminina foram marcadas, por

exemplo, pela suposta inaptidão das mulheres com atividades tidas como masculinas, e quando as faziam, estariam mais propensas a enlouquecerem (Cunha, 1989).

A partir do explanado, compreende-se que o saber psiquiátrico faz parte de um dos dispositivos de normalização. Assim, sendo a construção do feminino tida em torno de preceitos sociais, como disponibilidade do cuidado com o outro e manutenção das tarefas domésticas, sendo muito bem enraizado, portanto, concepções patriarcais de diferenciação entre homens e mulheres, as quais, segundo Saffioti (1987), há a constituição de um sistema dualista, de dominação masculina e exploração feminina, tal constituição tem a marcação da ideologia machista.

Cunha (1989) ressalta ainda que justamente esta naturalização do papel social destinado às mulheres se embasa nas determinações biológicas de seu sexo e, portanto, as que fogem a regra do dito “normal” são classificadas como estando doentes, ou seja, as condutas sociais se inscrevem e demarcam o corpo biológico. Pode-se compreender assim, que a construção da subjetividade feminina é atravessada por esses parâmetros ditos “normais” – os quais, como já exposto, são afirmados por campos de saber, como o médico — e sendo marcado por tais parâmetros, as mulheres possuem essas normas como pano de fundo de sua formação identitária, e portanto, tendem a se comportar de maneira a corresponder tais expectativas sociais. Sendo o feminino marcado por ideias de boa mãe, sem vícios, que alimenta bem sua família e prole, comportamentos que vão contra esses ideais, são tidos como patológicos.

Butler (2018b) compreende a sexualidade como sendo uma tecnologia que é alterada a partir da história, em que as noções de gênero não são “[...] de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederam diferentes atos; [...] pelo contrário, uma identidade (de gênero) constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2018b, p. 03)

Assim, a noção de gênero é construída no seio social de modo que os sujeitos a performam como uma crença. Entrelaçando os conceitos de sexualidade trazidos por Foucault (2015) e de gênero por Butler (2018a, 2018b), tem-se que os dois possuem raízes nas formações sociais e que impõem sobre o sujeito condutas de ser e estar no mundo, de modo que a norma (crença) seja uma via estabelecadora das performances e de gestão da vida. Sob o olhar da formação subjetiva das mulheres, estas são ensinadas a performarem seus atos em detrimento a uma crença que gesta sua vida, o que reitera a noção de que essas normativas sociais servem de pano de fundo para a formação subjetiva e assim, as ações que o feminino apresenta ao mundo.

No que tange às implicações do que fora discutido acima e para melhor compreensão do enlace desse contexto no cotidiano, pretendeu-se analisar, a partir de séries *on demand*, como o saber Psiquiátrico influencia/influenciou na formação subjetiva de algumas personagens dessas séries. O

escopo de análise se restringiu justamente nos parâmetros dos ditos normais atribuídos às mulheres – cisgênero – socialmente, juntamente com o atravessamento do dispositivo do saber psiquiátrico e como isso compõe e afeta a formação subjetiva e ações cotidianas das personagens escolhidas.

Desenho Metodológico

A pesquisa aqui apresentada tem delineamento qualitativo, cunho exploratório. Seu objetivo foi investigar os mecanismos e práticas do dispositivo do saber psiquiátrico em seus processos de construção dos modos de subjetivação feminina. Esse tipo de pesquisa se faz importante diante de tal tema pois as autoras compreendem o humano (biológico) como aquele que é atravessado pelo corpo social. Além do mais, o embasamento teórico se deu através de alguns operadores analíticos foucaultianos: biopoder, normalização e saber psiquiátrico.

Para engendrar tal escopo de análise foram utilizadas séries *on demand* que possuem personagens femininas cisgênero que permitiram exemplificar para discutir os mecanismos e engendramentos que o saber psiquiátrico demarca na construção do feminino. Utilizamos a etnografia de tela, uma estratégia metodológica de análise fílmica que coloca a obra audiovisual como objeto de pesquisa (Collins & Lima, 2020). Desta forma, o processo de análise fílmica da está relacionado

[...] ao modo como se compreende a comunicação fílmica e, por extensão, o texto fílmico. Assim, [...] antes de ser motivada pela eficácia que a sua aplicabilidade oferece para demonstrar hipóteses sobre os significados produzidos pela recepção fílmica, demanda conhecer, ainda que parcialmente, os paradigmas teóricos pressupostos em seus procedimentos e que, conseqüente, interferem sobre o tratamento interpretativo conferido ao texto fílmico (Collins & Lima, 2020, p.430).

No estudo de Azubel (2018), observa-se a articulação entre a metodologia de Análise Fílmica da Narrativa, proposta por Francesco Casetti e Federico Di Chio (2013), e os pressupostos da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli (2010). Dessa junção surge a proposta metodológica denominada Análise Fílmica da Narrativa Seriada (Azubel, 2018). Tal abordagem dialoga diretamente com os objetivos deste trabalho, pois sustenta a investigação acerca dos elementos narrativos escolhidos, enredo e personagem que, por sua vez, expressam as noções que buscamos analisar, especialmente as implicações do saber psiquiátrico sobre o feminino (Azubel, 2018).

Por mais criativa e imaginativa que a ficção possa ser, ela sempre permitirá uma leitura da realidade sócio-histórica. Assim, a partir do recorte das interpretações de personagens das obras *on demand* selecionadas (Tabela 1), pretendeu-se vislumbrar o atravessamento do dispositivo estudado.

As obras estão disponíveis em plataformas de *streaming* pagas e são aqui citadas pelos títulos divulgados no Brasil, por isso, apenas uma das obras possui título em português, Gambito da Rainha.

Tabela 1

Obras audiovisuais on demand selecionadas

Obra	Plataforma de Streaming	Ano/ período de produção	Sinopse
<i>Modern Love</i> (ep. 3, 1ª temporada)	<i>Prime Video</i>	2019	Possui episódios independentes que retratam o amor em diferentes formas. Analisamos o 3o. ep. da 1o. temp. que retrata Lexi, mulher com o diagnóstico de Transtorno Afetivo Bipolar (TAB).
Gambito da Rainha	<i>Netflix</i>	2020	Retrata a história de Beth, enxadrista com consumo abusivo de medicamentos psiquiátricos desde a infância.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Na plataforma de busca *Google*, os usuários podem classificar de forma livre, um filme e série a partir de seus gostos e preferências. As notas, chamadas de estrelas, estão entre 1 (ruim) e 5 (muito bom). As que aqui selecionamos possuem notas médias de 4,7 permitindo a inferência de que são produções muito bem avaliadas e recomendadas pelos telespectadores. Ademais, vale ressaltar o porquê da escolha destes seriados. Compreende-se que o fator temporal implicou nesta decisão, sendo somente selecionadas produções recentes, a partir de 2016, pois acredita-se que essas produções são de maior facilidade de acesso do público. Além disso, cada uma das personagens carrega consigo uma implicação da construção social do feminino em seu modo de ser/estar no mundo, como questões estéticas, de condutas e amorosas.

A partir da literatura, assumimos que as obras audiovisuais são potencialmente veículos perceptivos de tais constituições que permitem um olhar sobre a experiência social que irá, no telespectador, produzir provocações, tendo em vista que refletem os contextos sócio-históricos e a sua percepção.

A escolha de obras *on demand* para as problematizações que aqui fazemos pautou-se na perspectiva de que

[...] um filme não é composto apenas por imagens e trama, mas também por uma ‘estrutura de endereçamento’ através da qual a obra se endereça a um espectador idealizado. Como se o espectador fosse convocado a ocupar uma ‘posição’ a partir da qual deveria ler o filme (Ellsworth, 2001 citado por Collins & Lima, 2020, p. 430).

As obras audiovisuais são construídas e refletem contextos sociais, históricos, políticos, culturais e subjetivos. Assim, o telespectador, ao assistir um filme ou série, o recebe, e o interpreta a

partir de sua singularidade e interioridade, mas também, a partir das “[...] condições sociais e históricas que contornam a recepção, a sua relação com a obra fílmica” (Collins & Lima, 2020, p. 431).

Para fins de registros e observações durante análises das séries, as autoras utilizaram das anotações pessoais, onde assistiam e faziam anotações em um caderno do que se compreendia como pontos que poderiam ser explorados na pesquisa. A partir de tais anotações, portanto, foi possível notar e compreender de que maneira as ações de cada personagem escolhida se entrelaçavam com a temática aqui discutida: o saber psiquiátrico como dispositivo normalizador no processo de construção do feminino, e assim, foi possível construir e contribuir com possíveis caminhos para responder a esse questionamento.

Resultados

Compreende-se que a sexualidade se funda a partir do campo da linguagem, ou seja, ela é vivenciada e posta a partir dos diversos discursos dados como verdadeiros, como o discurso médico, religioso e patriarcal. É a partir desses discursos que se constrói e constitui as normativas que são subjetivadas pelos sujeitos e se colocam como imperativas e regentes dos comportamentos, os sujeitos que desviam desses discursos/normas são colocados na categoria de disruptivos, doentes e imorais (Foucault, 2001; Foucault, 2005). É olhando para esses discursos então, que o olhar criterioso para a análise das personagens das metragens escolhidas foi realizado, de modo que a vivência exposta, a experiência que cada personagem expõe no mais íntimo enredo de sua história fosse um cenário do que tem no real e que se mostra através do fictício, algo que é possibilitado pela pesquisa de cunho qualitativo exploratório de etnografia de tela possibilita.

Gambito da Rainha (2020)

Um dos discursos do real, da vida cotidiana dos indivíduos na sociedade ocidental que pode ser observado na série *Gambito da Rainha* (2020). Elizabeth, mais conhecida como Beth (interpretada pela atriz Anya Taylor-Joy), é a protagonista do enredo, a história se passa na década de 1960 e é composta de sete episódios, dos quais são divididos em três cenários principais – trailer da mãe/instituição de acolhimento, casa da nova família e viagens – e em três momentos diferentes da vida e do desenvolvimento da personagem – infância, adolescência e a fase adulta. Beth foi institucionalizada após sua mãe falecer em um acidente de carro provocado por si mesma e que também colocava a vida de Beth em risco, depois do acidente, Beth foi encaminhada a uma instituição de acolhimento para meninas menores de idade.

Durante a metragem, Beth se recorda em diversos momentos de cenas com a mãe biológica da qual provavelmente sofria com o abandono e uma forte angústia provocada por uma relação amorosa com um homem casado, ou seja, a relação estabelecida com um homem com quem não

poderia seguir os caminhos ideais (casar-se, ter filhos) foi o possível motivo de adoecimento psíquico dessa mulher. Contudo a série mostra, também de maneira secundária, a relação amorosa dos pais adotivos de Beth. Alma (mãe adotiva de Beth), seguiu os caminhos e normativas socialmente impostas para casar-se e cuidar da casa. Porém, pela falta de sustentação dessa relação, Alma também demonstrava sinais de adoecimento, como o alcoolismo. Essas duas personagens demarcam bem, de forma rápida na série, como os discursos sociais se implicam como verdadeiros e adoecem aqueles que saem da dita normalidade.

Outra forma que a minissérie retratou essa questão da tentativa da manutenção da normalidade foi a medicalização obrigatória que todas as meninas do internato tinham que ingerir diariamente. Essa medicação era passada com o intuito de tranquilizar/acalmar as garotas, logo no primeiro episódio vemos o internato medicando as meninas com: 1 comprimido verde para "equilibrar a disposição" e um comprimido laranja para "tornar o corpo forte", isso reafirma o que é esperado/normalizado no comportamento das meninas, uma conduta dócil que não causa questionamentos, são preparadas para serem boas mães e esposas, educadas e sem desafiar o sistema, aquela que foge às normas, é tida como anormal. Quando Beth se mostra interessada no jogo de xadrez, o próprio zelador, aquele que mais adiante irá incentivá-la, diz, no mesmo episódio, "meninas não jogam xadrez", o que reafirma a lógica binária do que é atribuído ao feminino e ao masculino.

A questão de Beth, por outro lado, se mostra diferente, e até mesmo desafiadora dos discursos inscritos e operados no social. Na instituição em que viveu, Beth aprendeu a ser enxadrista com o zelador, foi notório que Beth tinha altas habilidades com o jogo, contudo, xadrez era atribuído, majoritariamente, ao gênero masculino, ou seja, por mais que a protagonista não tenha seguido as convenções almejadas a uma mulher, como cuidar da prole, do lar e de seu parceiro, e tenha seguido com a carreira de enxadrista, teve do mesmo modo, que arcar com as prerrogativas do que é permitido ou não para uma mulher. Xadrez sempre foi articulado ao raciocínio rápido, como que uma mulher poderia ocupar este espaço? Sendo que essa premissa de conhecimentos e genialidade sempre fora atribuída ao masculino? Para tal resposta pode-se pensar na ideia de performances de gênero (Butler, 2018a/2018b), o gênero é constituído histórico e socialmente e a partir do discurso, como a noção também de sexualidade de Foucault (2015), mas ao gênero há a ação em ato de repetições de comportamentos estilizados, ou seja, de condutas que se fundam como certas ou erradas para mulheres e homens.

Modern Love (episódio. 3, 1º temporada): "Me aceita como eu sou, quem quer que eu seja" (2019)

Modern Love é uma série com episódios independentes que tende a retratar as relações amorosas de diversas formas. O episódio escolhido para a presente análise, foi o terceiro, do qual

mostra a experiência amorosa de Lexi (interpretada por Anne Hathaway). O episódio começa com Lexi buscando formas de se autorretratar em um *site* de relacionamentos, para isso utiliza-se de um exemplo de um encontro que teve com um rapaz. Ao tentar se descrever, Lexi diz: “quem eu sou”, “tenho essa pequena coisa”, “eu estava de bom humor, o que é meio que um problema”. Descobrimos, ao decorrer do episódio, que Lexi é diagnosticada com o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB), e por isso o “bom humor” é considerado um problema. Na literatura médica, compreende-se o TAB como sendo apresentado na “vasta maioria dos indivíduos cujos sintomas atendem aos critérios para um episódio maníaco também tem episódios depressivos maiores durante o curso de suas vidas” (DSM-V, 2014, p.123), o episódio maníaco é tido como euforia extrema, onde pode haver utilização de roupas extravagantes e comportamentos impulsivos, é o que é retratado em Lexi, quando ela vai ao mercado com uma blusa de paetê e tem a sensação de estar em um musical. Por outro lado, os episódios depressivos são marcados por apatia e reclusão extrema, o qual foi mostrado quando a personagem passava dias na cama. Apesar do episódio focar na experiência amorosa de Lexi, o recorte aqui feito será sobre o processo que Lexi passou ao contar sobre seu diagnóstico à sua chefe após ser despedida do emprego. Ao verbalizar tal diagnóstico a amiga/chefe e receber em troca compreensão e apoio, enxerga-se intrinsecamente a personagem, para além da rotulação diagnóstica – algo que estava sendo focado até então no enredo –, de forma que a existência e experiência corpórea se implica e compreende-se que Lexi “é quem é”, sem rodeios. Isso pode, de certa maneira, demarcar a não estereotipação da personagem, de forma que não será o seu diagnóstico que a definirá, mas a sua experiência como ela se incide e é vivenciada por sua subjetividade que é única.

Discussão

Retomando os fundamentos que etnografia de tela propicia para a condução da pesquisa aqui proposta, torna-se importante destacar que há um espectro extenso que poderá ser analisado e questionado de como o dispositivo do saber psiquiátrico corrobora para os processos de subjetivação e construção dessas personagens e de como tais questões podem, potencialmente, chegar aos telespectadores. Além disso, o presente artigo pretende corroborar para a afirmação destas produções, as quais espelham as configurações do passado e do presentes postas no mundo ocidental. Enquanto fundamentos teóricos para o processo de estudo e discussão, utilizou-se alguns operadores analíticos foucaultianos, são estes: biopoder, normalização e saber psiquiátrico. Como pensador de processos e instituições sociais e como estes constroem e reconstroem fenômenos e subjetividades, o empréstimo das problematizações e perspectivas de análises de Foucault foram fundamentais para as problematizações que promovemos neste estudo, assim como alguns autores. Assim, a partir dos recortes realizados sobre as produções audiovisuais *on demand*, pretende-se explorá-las agora as

articulando com a investigação proposta, para isso dividimos as séries em temáticas específicas para cada uma:

Tabela 2

Temáticas destacada em cada série para análise. em cada série

Série	Temática de análise
Gambito da Rainha	Adoecimento por relacionamentos amorosos; medicalização como normatizadora de condutas
Modern Love	Diálogo como interlocutor subjetivo; o bom controle das condutas e emoções (diagnóstico)

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Compreende-se que o saber psiquiátrico, como já fora discutido, é um dispositivo que implica na normalização das condutas e comportamentos individuais. É uma maneira de poder que é produzida no campo micro (individual) e se estende para o campo macro (social). Entende-se, portanto, que o saber psiquiátrico impera e rege as conduções individuais, ou seja, o que se é considerado certo/errado, normal/anormal e que se colocam como pano de fundo na formação identitária do sujeito, de maneira que, os comportamentos e pensamentos tidos como certos/normais sejam tão enraizados no coletivo que reverberam e se estruturam na subjetividade individual.

Sendo a sociedade ocidental demarcada por um ideal e cultura patriarcal e machista, os ditos normais, estão do lado daqueles que são homens, cisgêneros, brancos e heteros, são as instâncias majoritariamente conduzidas e criadas por esses que operam como reguladores dessa dita norma, algumas dessas instituições são: ciência, medicina, psiquiatria e a igreja. As mulheres, por exemplo, ficam um passo atrás dessa régua e sofrem consequências por isso. Ser magra, branca, sem deficiência física, boa reprodutora, gentil, amigável, carinhosa, cuidar do marido e dos filhos, ser hetero, ser bem-sucedida são alguns dos critérios que se encaixam nos discursos normativos que incidem sobre os corpos e subjetividades femininas.

O adoecimento por “amar demais” um homem, a medicalização utilizada como maneira de controlar os comportamentos de meninas, o diagnóstico como apaziguador e condutor do que pode ou não se ter de maneira que explica as condutas e emoções tidas, a cobrança em excesso sobre a produtividade laboral, as condutas de autocuidado como metodologia de retenção e controle para se manter na norma, os padrões de beleza e a vivência de maternidade são acima de tudo, regidas por normativas de: ser boa esposa, ser comportada, não expressar infelicidade, dar conta de produzir um trabalho mesmo passando por dificuldades emocionais, ser magra, ser uma boa mãe.

Pode-se pensar que estas mulheres, de alguma forma, representam tantas outras, que passam por dificuldades iguais ou semelhantes e que tentam se (re)ajustar dentro desses parâmetros a fim de não escaparem às prerrogativas impostas, pois é a partir delas, e através do manejo social, que se dão o que é certo ou errado de maneira que quando não performam o esperado, o campo individual/subjetivo se mostra indisposto, culpabilizado e é vivenciado como algo único e não coletivo pelo sujeito.

Evidencia-se que, por exemplo, a mãe adotiva de Beth, seguiu todas as prerrogativas esperadas, casou-se, cuidava da casa e em algum momento foi mãe, mas também seu marido fez o que era esperado dele, a ação de provedor do lar e se colocar distante emocionalmente de sua família. Contudo, o sofrimento emocional foi dela, o que a pusera como errada foi o exagero nas bebidas, e por isso não era mais digna de amor, o amor que tantas mulheres buscam e que se coloca como muitas vezes o único caminho para a dita felicidade. Percebe-se que mesmo a mãe adotiva de Beth fazendo tudo que era esperado que ela fizesse, o que fora garantido a ela não foi cumprido, de maneira que a adoeceu.

Beth, por outro lado, mostra outra nuance destes dispositivos de normalidade. No internato, a instituição a fez ingerir comprimidos para diminuição da agitação e aumento da concentração, a tais comprimidos Beth associou ao seu talento no Xadrez. Assim, a medicalização se colocou como regente do seu saber, de modo que em um ambiente tão masculinizado Beth poderia ser vista como racional e centrada em si mesmo, algo que era imperativo sobre os homens, e não sobre as mulheres.

Outro dispositivo de normalização das condutas é percebido na personagem Lexi, de *Modern Love*, que recebeu o diagnóstico de TAB. No caso esse diagnóstico explica e classifica os comportamentos de Lexi como anormais perante os ditos normais, como a alta produtividade no estado de mania e a baixa produtividade no estado depressivo. As pessoas ao redor de Lexi tentam compreender o porquê ela não possuir indicativos do que considerar de normalidade, então seu diagnóstico faz o papel de explicador desses comportamentos desviantes. Mas vale ressaltar que a personagem realmente aparece ativa em seu processo quando, por meio de um contato com uma amiga/chefe de trabalho, consegue expor no campo da palavra, tudo o que estava vivendo e o que tinha vivido, de maneira que a reacendeu como protagonista de sua história por mais que a sombra do seu diagnóstico paira sobre si mesma.

Compreende-se que a produtividade se coloca de maneira diferente nas mulheres, de modo que atualmente

[...] a inserção feminina no mercado produtivo, ao contrário dos homens, é limitada por responsabilidades domésticas e familiares, tendo o emprego que ser adaptado às suas outras funções. Assim, estando ou não inseridas no mercado de trabalho, em geral as mulheres são donas-de-casa e realizam tarefas que, mesmo sendo indispensáveis para a sobrevivência e o

bem-estar de todos os indivíduos, são socialmente desvalorizadas e desconsideradas (Pinho & Araújo, 2012, p.561).

No presente escrito tendemos a problematizar como o saber psiquiátrico se faz, como discurso de verdade, na vida de mulheres: como se constroem, quais os sentidos disparam, que enfrentamentos sofrem. Expomos, nas obras, o modo com que esse saber atravessa mulheres e as pressionam por modos de ser/viver “adequados” às normas. São discursos que enquadram o ser mulher em condutas “mais corretas”; que universos, como o xadrez profissional, uma mulher pode ocupar; o que é uma existência definida pelo diagnóstico psiquiátrico, o TAB. Apreendemos, desse modo, a maneira com que as questões das personagens das ficções analisadas, refletem questões e processos que tantas mulheres vivenciam no “mundo real”.

Considerações Finais

Através das disposições gerais, conclui-se que o presente trabalho cumpriu com seu objetivo de analisar, a partir das personagens das séries escolhidas, como o saber psiquiátrico influenciou na formação subjetiva do corpo feminino. Compreendeu-se que tal análise foi engendrada por mecanismos foucaultianos, como: biopoder, saber psiquiátrico e anormalidade.

Considera-se que a metodologia utilizada – análise audiovisual de seriados – foi empregada na tentativa de expor as questões que estão no plano do cotidiano das mulheres reais e que no mundo fictício se coloca como disparador e até mesmo expositor, em grande escala, dessas nuances de poder tão singelas. As mães de Beth e Lexi, são personagens femininas cisgêneros que possuem um enredo que diz respeito aos laços estabelecidos no cotidiano dos quais expõem o poder que microrrelações operam e que as microrrelações o legitimam. As questões levantadas sobre adoecimento feminino nos relacionamentos amorosos; uso da medicação psiquiátrica como normalizadora das condutas; o diagnóstico como o caminho para conduzir a boas condutas; excesso da produtividade; condutas de autocuidado como contribuidoras da normalização das condutas; padrões de beleza e vivências da maternidade, são aspectos que reverberam como os modos de ser e estar no mundo reverberam um padrão de normas e condutas das quais são utilizados como uma régua e estabelecem parâmetros comportamentais e subjetivos dos quais incidiram histórico e socialmente na construção do que é esperado ao feminino (docilidade, fragilidade, heteronormatividade, reprodução, casamento). Ou seja, assim como exposto através da explanação dessas personagens, as mulheres que desviam dessa dita régua são tidas como doentes subjetivas ou incoerentes, e toda essa análise reverbera o poder médico, aqui em especial o psiquiátrico, do qual está atrelado a produção desses parâmetros que se colocam como pano de fundo na formação subjetiva das mulheres, corroborando para o que elas devem ser e como devem agir de forma a tentativa de se adequar a esses parâmetros pode ser adoecedor.

Por fim, para além da análise realizada, ressalta-se também que a escolha dessas produções fílmicas foi proposital no sentido de explicar que, independentemente do período que o enredo é contado, seja no contemporâneo ou no longo, essas questões são sempre (re)atualizadas. Todavia, é válido ressaltar também algumas limitações que ocorreram durante o estudo, como a dificuldade de trilhar esses aspectos nas séries, as quais por vezes focavam em outros pontos que dificultaram a análise, como no caso do episódio da série *Modern Love*, isso porque foi muito enfatizado a questão do psicodiagnóstico da personagem, como se ela se resumisse a isso, de modo que construir a análise apresentada exigiu um olhar diferenciado das referidas autoras. Ademais, aponta-se que no futuro mais pesquisas desse cunho sejam levantadas, de maneira que um ambiente para o (re)pensar seja possível e construído e que sejam, de certa forma, mas expostas aos telespectadores.

Referências Bibliográficas

- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Azubel, L. L. R. (2018). Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. *Revista GEMInIS*, 9(2), 29–45.
- Badinter, E. (1980). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Círculo do Livro.
- Butler, J. P. (2018a). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. P. (2018b). Os atos performativos e a constituição do gênero: Um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista. *Revista Caderno de Leituras*.
- Caponi, S. (2009). Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100015>. Acesso em 02 set. 2024.
- Cardoso, H. M. (2017). *“O que é normal para mim, pode não ser normal pro outro”: Uma abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas*. Editora UFS.
- Casetti, F., & Di Chio, F. (2013). *Cómo analizar un film*. Paidós.
- Collins, A. T., & Lima, M. G. (2020). Etnografia de tela e semiopragmática: Um diálogo entre metodologias de análise fílmica. *Avanca Cinema*, 430-437. <https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/article/view/146/279>
- Cunha, M. C. P. (1989). Loucura, gênero feminino: As mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2015). *A história da sexualidade: A vontade de saber*. Paz & Terra.

- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir: A história da violência nas prisões*. Vozes.
- Foucault, M. (2006). *O poder psiquiátrico* (1. ed.; data de publicação original: 1973/1974). Martins Fontes.
- Gambito da rainha. (2020). Criação de Scott Frank, Allan Scott. Estados Unidos: Netflix. Série exibida pela Netflix. Acesso em 02 set. 2024.
- Marcello, F. A. (2004). O conceito de dispositivo em Foucault: Mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. *Revista Educação e Realidade*, 29(1), pp. 199-213.
- Maffesoli, M. (2010). *O conhecimento comum: Introdução à sociologia compreensiva*. Sulina.
- Me aceita como eu sou, quem quer que eu seja. (2019). In *Modern Love* (1.ª temporada, episódio 03). Direção de John Carney. Estados Unidos: Amazon Prime Video. 35:22 min. Série exibida pela Amazon Prime. Acesso em 02 set. 2024.
- Moreira, L. E., & Nardi, H. C. (2009). Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Revista Estudos Feministas*, 17(2), pp. 569-594.
- Prado Filho, K., & Trisotto, S. (2008). O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, 13(1), pp. 115-121. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a13.pdf>. Acesso em 02 set. 2024.
- Pinho, P. de S., & Araújo, T. M. (2012). Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15(3), pp. 560-572.
- Saffioti, H. I. B. (1987). *O poder do macho*. Moderna.
- Silva, A. C., & Moraes, R. M. O. (2017). As teorias da soberania: Uma análise a partir de Foucault. *Revista Eletrônica Direito e Política*, 12(1), 1º quadrimestre. <https://www.univali.br/direitoepolitica>
- Spink, M. J. (2013). *Psicologia social e saúde: Práticas, saberes e sentidos*. Editora Vozes Ltda.